

## COQUEIJO (\*)

Ruy Simões

Em casa — era Carlinhos. No colégio, parte pelo violino, parte pela marcha carnavalesca — foi Carlino. No curso complementar, ainda nos Maristas, tornou-se Coqueiro: alto e magro, ombros com diâmetro um pouco inferior ao dos quadris, farta cabeleira negra, que culminava em arquetônico **pimpão** (apelido familiar, que durou pouco). No clã dos Dinizes — era Bujão, por causa da Hudson, barata conversível que soltava, a cada buraco, as calotas (bujões).

Tantos apelidos não o molestavam, se tinha quantos talentos...

Nos primeiros meses de convívio, em 1939, cerimoniosamente, chamei-o **Coqueijo** — sobrenome materno, nome de robusto edifício na Praça Municipal, em cujo térreo pontificava a Pastelaria Triunfo.

Quando adotei o apelido Coqueiro, ele sorriu condescendentemente. Para demonstrar-lhe que não rezava pela cartilha alheia, endosseí outra conotação, aquela da ressurreição de Juca Mulato: "Eu te compreendo o sonho inatingível; queres subir ao céu, mas, prende-te à raiz".

Como toda lisonja, foi pedágio e ponte...

Hoje, rememorando-o, posso dizer que, no seu taquipsiquismo, ele ouvia a voz das coisas, receava mandingas, tinha presságios, entoava lamentos, cedia a fascínios, adorava serenatas, compreendia a alma alheia.

Éramos bastante diferentes, mas tínhamos afinidades eletivas suficientes. Gostávamos de música, literatura e de cinema, em que buscávamos o prazer afinação, ensaiávamos análises críticas. Eram uma razão a mais para exercícios dialéticos. Gershwin, Vinícius e Kurosawa detinham nossa preferência.

Entre nós, obviamente, não havia qualquer competição, nenhuma concorrência. Os cuidados e as cautelas de um não afetavam os descuidos e temeridades do outro: compreendíamos-nos. A euforia ou a malícia de um não incomodava a hipochondria ou a ingenuidade do outro: respeitávamos-nos. Conhecedores das próprias limitações, reconhecendo os excessos próprios: preservávamos-nos. Nenhuma cobrança, compromisso algum, intromissão jamais. Liberalidade recíproca e admiração mútua sempre em pauta.

Éramos o que éramos e como éramos — sem mas, embora ou porém!

Trilhamos pelos mesmos caminhos muitas vezes. Não lembro um só acidente de percurso. Montamos Rocinante, trotamos no burrico de Sancho, voamos em Pégaso. Fomos colegas no pré-jurídico, camaradas no Clube de Cinema, compa-

---

(\*) "A Tarde", Salvador, 30.01.88, pág. 6.

nheiros no "Anjo Azul", confrades em "Ergon", sócios dos mesmos clubes, ca-  
delras cativas nos concertos da SCAB, veranistas em Mar Grande, Inveterados  
assistentes de concursos, parceiros de estudos em Filosofia. Profissionalmente,  
remamos na Rua da Argentina, n. 1, 1.º andar — ao tempo de Dr. Guedes e de  
Lneu Lapa Barreto; ele ganhou a regata, eu **enforcei** a remada...

Que grande década, a de 40, na Bahia!

Recém-formado em Direito, o Bel. **Carlos Coqueijo Torreão da Costa** foi no-  
meado diretor da Penitenciária do Estado. Sem aviso prévio, com Miguel Martins  
à tiracolo, fui entrevistá-lo para A TARDE. Merecida entrevista, por ele e pelo pai,  
Dr. Enéas — o mais magnânimo dos censores do DEIP, que exercia as funções  
clínicamente, nunca cirurgicamente...

Em 1952, às vésperas dos 40 anos, ambos com alguns quilos a mais, magros  
ainda, só arrobados de responsabilidades, propus-lhe uma incursão que ele con-  
siderou aventura e recusou liminarmente. Era um juiz, bom senso e equilíbrio  
deveriam prevalecer, contudo não prevaleceram. Senti que lhe espicagara a curio-  
sidade intelectual, conseguira ressoar melodicamente no seu espírito. A partir do  
dia seguinte, demos uma virada de quinze noites — estudando. Passamos no ves-  
tibular de Filosofia, fizemos um bom curso e ingressamos no magistério secun-  
dário; ele, no Duque de Caxias; eu, no Central.

Se arrolei seus apelidos, se tentel caracterizá-lo, deveria abordar suas traje-  
tórias. Seria uma biografia, dou-me como impedido e indico melhores depoentes.  
Na vida acadêmica: Amâncio José de Souza Neto; na magistratura: Luiz de Pinho  
Pedreira da Silva; no magistério: D. Dulce Calmon de Almeida; na licenciatura:  
Francisco Pinheiro Lima Júnior; na composição lítero-musical: Alcyvando Luz; e na  
seresta: Dorival Caymmi.

Justo, enfim, que me refira a seus maiores triunfos, na maturidade: a sede  
definitiva do TRT, o soergulmento da Associação Atlética, sua ascensão a mi-  
nistro do TST e conseqüente representação na OEA. De permeio, seus trabalhos  
jurídicos, literários e musicais. Sobre todos e sobretudo: Aydi!

Homem realizado, plenamente, superou os temores primordiais (são radiais  
as raízes do coqueiro, levando-o às oscilações). Em bases estatísticas, programou  
com antecedência sua prostatectomia, insistindo que fosse na Bahia. Tudo bem  
quanto à operação, tudo bem quanto ao pós-operatório específico, inclusive a  
biópsia. Tudo mal quanto à Infecção hospitalar que lhe causou a morte — tão  
sentida.

Revolta-me admitir que nossos hospitais não são mais casas de saúde!

Resta resignar-me ao convívio com sua saudade, Coqueiro Velho.